

HISTORIA

DE HUM

AMOR FINGIDO

JERONYMO R MATTOS

TERESA M ALATI A.V ROY

que escreveu

Arlindo VEYGA DOS SANTOS

natural da Fidelissima Cidade do Ytú

Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga

IMPERIO DO BRASIL

Comunidade Lusitana

Anno de MCMLVI

Dr. Jerônimo Ricardo de Mattos.

HISTORIA

DE HUM

AMOR FINGIDO

HISTORIA

DE HUM

AMOR FINGIDO

Do Sr. Serónymo,

cujo esforço, dedicação e fidelidade
ao Ideal Patrianovista é um exemplo
que admiro,

com um Glória!
Veiga.

14.3.56

HISTORIA
DE HUM
AMOR FINGIDO

TERESA M MALATI AN ROY

que escreveo

Arlindo VEYGA DOS SANTOS

natural da Fidelissima Cidade do Ytú

Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga

IMPERIO DO BRASIL

Comunidade Lusitana

Anno de MCMLVI

HISTÓRIA
DE HUM
AMOR FINGIDO

Eu não queria...

Eu não queria publicar meos versos,
Os versos da vaidade que escrevi.
Deixallos, — eu pensava, sempre immersos,
Deixallos — os meos versos,
Na escuridaõ do olvido
Da vaidade do tempo que perdi.

Deixallos para sempre. Que he que importa
Aos meos Amigos da Cruzada Santa
O canto do jogral na éra morta
Que nunca voltará?
Mas... minha sêde de integral he tanta
Que eu não resisto a repetir assim
O exemplo dos Avós dos tempos santos,
Tal como El-Rey Denis ou Bernardim,
Ou de todos que, em cantos,
Fôraõ fiéis a Deos, á Patria, o Imperio,
Queixando-se do amor, em carne serio.

Valha-me Gil Vicente,
Valha Camoens, válhaõ Gonzaga e Costa,
Válhaõ-me os menestréis da Tradição!
E eu, cantor novo de huma Patria-Nova,
Ouso atirarme, assim, á dura prova
De, pella intelligencia recomposta,
Naõ esquecer a voz do coração.

Eu naõ queria publicar meos versos,
Os versos da vaidade que escrevi.

SONETO I

Quando o seo vulto esvelto...

Quando o seo vulto esvelto de criança,
No recesso do lar quieto e tranquillo,
Deante do piano vejo, o ameno trilo
Do lôbrego instrumento me naõ cança.

Porém, naõ he seo corpo — alma esperança —
O encantamento mór que naõ repillo;
Nem a graça e o sorrir excede aquillo
Que mais sensibiliza e mais me alcança.

Nadal que, para mim, a arte insiste
Em mostrar a beleza nos escolhos
E alindar a tristeza de ser triste.

O que, a meos olhos, mais e mais a exalça
He aquella expressaõ triste dos seus olhos,
Quando exprime a tristeza de huma valsa.

Criança, nos teos olhos...

Criança, nos teos olhos illusores
 Esplendia hum ideal que em vaõ sorria,
 E chorava hum sorriso que pedia
 Promessas, cantos, madrigaes e flôres.

Sceptico, eu vi, sorrindo, esses amores,
 — Ancias, talvez, que o tempo, em fim, desvia —
 E eu cantava risonho a quem soffria,
 E tu soffrias, por meos cantos, dores.

Foi-se . . . eu não sei que he feito dos teos olhos:
 Se gemias dos risos que eu cantava,
 Hoje eu gemo das dores que soffrias.

E, hoje que eu choro, hes toda mil refolhos;
 E eu soffro, pelo ideal que em ti chorava,
 Ideal que agora he meo, p'ra que tu rias.

Tu tens de dar-me a paz...

Tu tens de dar-me a paz que me roubaste
 E restituirme á vida essa alegria
 Que levaste em teo rosto que sorria
 E hoje chora no pranto que deixaste.

Malvada! entaõ assim he que sentia
 Amor aquelle olhar que me pousaste?
 Assim colheste a flôr contente na haste
 Para atiralla ao pó da acerba via?

Quero vingarme . . . sim, quero vingança . . .
 Mas como, se hoje hes alvo da esperança
 E mal creio no mal que me fez triste?!

Não posso! Nada ha mais que a dor me afaste . . .
 E eu rogo, pelo olhar com que a feriste,
 Me dês de novo a paz que me roubaste.

SONETO IV

Fallei commigo: "He esta!" ...

Fallei commigo: "He esta! eilla que veio,
E sinto-me feliz por t'ella amado.
Eis meo ideal em fim realizado,
E eu posso descançar, sem ter receio.

Cesse toda tristeza e todo anceio!
Cante minh'alma em festa este noivado
Da esperança co'o ideal aureolado
De hum nimbo perennal em que hoje eu creiol"

Depois . . . fugiu-me o ideal nessa criança
Que se esquivou e esquiva (eu não comprehendo!)
Fazendo hum desespero da esperança.

Tenho ancias de morrer, — morro vivendo;
Tenho ancias de viver, vivo morrendo,
E entre a crença e descrença a alma balança.

SONETO V

Tu não me acorrentaste . . .

Tu não me acorrentaste com promessas
Nem com juras que os labios não disséraõ;
Fallas de amor . . . oh! não! não fôraõ essas
Que ao captiveiro louco me trouxéraõ.

Nem eu pensei nos ays que me nascêraõ
Por teo mal . . . Não m'os julgues nem os meças;
Quero os males só teos que me prendêraõ,
Que as cadeias do amor são caras peças.

Meos ays! tão deliciosas as algemas;
Hum riso, hum piano a me cantar poemas
Que, em fim, se me tornáraõ elegias.

Tu não me acorrentaste com promessas,
Mas (ay!) com teos sorrisos, tuas peças,
Teos grilhoens de sonatas, melodias.

Amor que hes de imprevistos...

Amor que hes de imprevistos e incertezas,
 De duvidas cruéis que amárgão tanto;
 Amor que hes o chorar falseado em canto,
 Que hes gloria e hes quéda, hes gozo e hes mil tristezas;

Amor! Baixa das mysticas devesas
 Do empyreo, e vem! desce a enxugarme o pranto!
 Pois tenho acerba dor a par do encanto,
 Nem posso a ti subir, tendo asas presas.

Abre o segredo, a mim, daquelles olhos!
 Vem-me clamar ao coração que he tola
 A duvida, a incerteza — hostís escolhos.

Vem-me dizer que a dor que ella mostrára
 Não tem o horror que á dilecção depara,
 Mas lagryma de amor, canção de rôla.

Sabes tambem mentir?...

Sabes tambem mentir? sabes, maldosa?
 Sabes fingir tambem? sabes, fingida?
 Na mentira roubaste a minha vida,
 E em fingimento a calma venturosa.

Quem te dissera, quem?, dilecta rosa,
 Na supplica, de huns olhos proferida,
 O segredo morar de minha vida,
 De minha morte a fonte venenosa?

Sem nunca haver fallado, me mentiste;
 E, no encanto da dor que me fingiste,
 Da minha desventura urdiste a teia.

Sabes mentir, fingir... Que ingrata sortel!
 Foi assim que pudeste ser sereia,
 Foi assim que pudeste dar-me a morte.

Soliloquio.

P'ra desfazer as minhas anciedades,
 Certo bastava hum só desejo della;
 Porém, esse desejo o não revela
 Nem no cumpre, essa rosa de maldades.

Bastava que em triviaes tonalidades
 — Que he facil á mulher a coisa bella! —
 Cantasse esta ária, repetisse aquella
 Adrede a despertar minhas saudades.

Hum momento ditoso! He-lhe taõ facil
 Darm'õ, com sua mão sedosa e glacil,
 Plasmada para minha desventura.

Será que ella o não sabe?! Adivinassel!
 Pois eu não sei dizerlh'õ á sua face,
 Nem ella sabe ouvirme em calma pura.

Tu não sabes ao certo...

Tu não sabes ao certo se eu te amo,
 Nem eu sei bem ao certo se me amas;
 Porém, tu crês que em meo olhar te chamo,
 Tal como eu creio em teo oihar me chamas.

Talvez que no teo peito amor inflammo,
 Porque eu sei que em meo peito amor inflammas;
 Talvez por isso amor eu te derramo
 Dos olhos, e dos meos tu me derramas.

Esse amor que tu tens, que ambos nós temos,
 Que palavras não tem, só tendo o orêmus
 Das supplicas dos olhos duvidosos,

Eu creio que, em vivendo assim sonhando,
 Nesta mudez acabará chorando
 Na voz de mil soluços dolorosos.

A alegria do amor . . .

A alegria do amor que tu me déste
 Serviu para augmentar minha tristeza
 Em seguida a este mal que me fizeste,
 À dor que dentro em mim deixaste presa.

Culpada hes tu, criança, que pudeste
 Mudarme a condição á natureza,
 Fazendo de minh'alma, selva agreste,
 Hum vergel de mil sonhos de grandeza.

A alegria do amor . . . eilla já morta,
 Nem sei que immenso mal teo ser comporta
 Para zombar da alheia desventura.

Mas, hum dia, do mal que me fizeste
 Has de provar, sentindo a ingente agrura
 Da tristeza do amor que tu me déste.

Hontem, sonhei contigo . . .

Hontem, sonhei contigo e, "certamente, —
 Eu disse — após hum sonho assim taõ lindo,
 Hei de vèlla e folgar de hum gozo infindo,
 Hei de vèlla, e cantar alegremente.

E fui. Quanto mais perto ia seguindo,
 Mais esperança tinha . . . infelizmente,
 Porém, quando pertinho, huma torrente
 De duvida ao meo peito foi subindo.

Vi-te, e os olhos taõ teos, que em mim pousáraõ,
 De toda a minha magoa me curáraõ
 E destas incertezas desastradas . . .

Se o teo olhar, porém, tanto me arrouba,
 Vi que mais me fascina a que m'ó rouba:
 — A modestia das pálpebras baixadas.

SONETO XII

Eu creio que no céu...

Eu creio que, no céu, meo amorzinho,
Nós seremos felizes facilmente;
Terás bem pouco que apprender, pouquinho,
E eu muyto pouco, pouco certamente.

Na gloria e no fulgor do eterno ninho,
Como se vive aqui não vive a gente;
Não ha tanta miseria no carinho,
Nem tanto padecer no amor ardente.

As almas se comprehendem no quererse,
Não haverá distancias de vencerse,
Nem haverá desgostos do caminho.

Nós que, em silencio, as almas enlaçamos
No mutuo olhar com que nos contemplamos,
Teremos pouco que apprender, pouquinho.

SONETO XIII

P'ra decifrar o enigma...

P'ra decifrar o enigma desses teos
Mysteriosos olhos de menina,
Não sei quanta invenção o amor me ensina
Na louca teimosia dos hebreos.

Revelaivos, ó lumes, por divina
Piedade, sim! só pello amor de Deos!
Os ardis empregados fôraõ meos,
E a elles vosso orgulho não se inclina.

Eu vou usar do ultimo: fugirvos!
Mas — ah! — louca illusão! que, se vos fujo,
Mais sinto a precisaõ de perseguirvos.

Não pode ao mar fugir velho marujo.
E o mar dos olhos teos, todo procellas,
Fascina, arrasta, e arrouba as minhas velas.

SONETO XIV

Naõ mais! Naõ te amo mais!...

Naõ mais! naõ te amo mais! — foi como eu disse
Ao verte taõ maldosa, taõ esquiva.
Por que he que eu hei de andar nesta ancia viva
Sem ter mais teo olhar, tua meiguice?

Tolo! eu naõ sei que laço he que me priva
De romper como eu quero. Naõ sentisse
Embora, eu julgo bem exquisitice
Minh'alma de tu'alma ser captiva!

Trago-te em toda parte . . . Inda te amo?
Quero fugirte e em scismas me derramo,
Tendo p'ra ti, qual mar para os escolhos.

Sinto as tuas feçoens na minha mente,
Teo coração no meo pulsando ardente,
Teos olhos confundidos nos meos olhos.

SONETO XV

... Se tu naõ fores minha!

Que tristeza se tu naõ fores minha!
Que tristeza será! . . . Ouve, acredita.
. . . Lembra-te aquelle dia, de noitinha?
Nunca te vi mais simples, mais bonita.

Minha musa, com tudo, sempre evita
— Ciumenta que he! — pintarte linha a linha,
Por temer, n'hum receio que me grita,
Que alguem tambem te queira p'ra raynha.

Fartáraõ-se meos olhos com olharte;
Meo coração saltava, estremecia,
Sempre que o meo olhar no teo cahia.

Quando me fui, soffri; e naõ continha
Este verso que eu canto em toda a parte:
Que tristeza, se tu naõ fores minha!

Se eu te não fallo ainda . . .

Se eu te não fallo ainda em casamento,
 Amor, não he que eu seja — he bom que o creias! —
 Como essas vozes falsas de sereias
 Do meo sexo fallaz e fraudulento.

Naõ tenho de yaras másculas o accento . . .
 Mas tambem, refalsada, não anceias
 Por matrimonio, tu que ora me enleias,
 Ora mudas, tal qual se muda o ven'õ.

Foges-me . . . não me foges . . . Se eu pudesse . . .
 Hes taõ nova, querida! Cresce, cresce,
 E cresça o teo amor no mesmo ponto.

Mal não he tal razaõ que expôrte eu venho:
 He que eu tenho hum receio — he só que eu tenho —
 Do incerto genio teo com que me affronto.

Das outras eu cuidei . . .

Das outras eu cuidei fõra diversa
 A tua condiçãõ que me enganava.
 Fiz de minh'alma livre tua escrava
 E a solida tençaõ tive dispersa.

Por ti — infiel castellã, da minha aljava
 As settas que expelli na lucta adversa,
 Bem fõra as applicara em universa
 Cruzada bem mais digna e guerra brava.

Em ti não poude o amor mais do que o medo,
 Venceo na ausencia hum interesse tredo,
 Podendo, mais que a fé, terreal vaidade.

A mim me volta a joia que eu te dera! . . .
 Oh que feliz de mim se assim pudera
 Te devolver a tua falsidade!

Olhos que eu amo tanto...

Olhos que eu amo tanto, em que se embebe
 Minh'alma em hum sonhar profundo e claro,
 Saber quizera o como he que recebe
 Vossa luz meo adeos plangente e amaro.

Olhos meigos de amor, rivaes de Phebe
 Que, ante a luz vossa, perde o brilho raro,
 Dae vosso adeos a amor que o olhar concebe
 E expira desse olhar no exilio caro.

Naõ sei se, no desterro que soffremos,
 Padeceis tanto o mal que assim nós temos
 Da sorte por atroz fatalidade.

Mas — ay! — que, neste adeos que a sorte trouxe,
 Se de vós já naõ sinto o engano doce,
 Dos meos tambem soffreis cruel saudade.

Que pena, meo amor!...

Que pena, meo amor, minha querida,
 Haver de o nosso amor morrer taõ cedo,
 Taõ só por ter nascido muyto a medo
 Entre hum canto e huma valsa dolorida!

Tu foste como a rocha, eu qual rochedo...
 Que pena, meo amor, minha querida!...
 O amor maior que tive em minha vida,
 O teo primeiro amor morrer taõ cedo!

Conformarme... impossivel! Os meos sonhos...
 Os teos... os sonhos teos... os sonhos nossos...
 Parecem pesadelos taõ medonhos!

E, no adeos ao sonhado paraíso,
 Nós ambos, ante o horror desses destroços,
 Choraremos sómente em hum sorriso.

Aquillo que se quer . . .

Aquillo que se quer muyto de pressa
 A miude se perde muito azinha.
 Não hes tu que de certo has de ser minha,
 Sem embargo dos olhos a promessa.

Eu tenho medo que este amor pereça
 Como a rosa vernal cora e definha.
 Mas, quem os fados varios adivinha?!
 Quem empece que o luar desapareça?!

Estes versos que a ti vou decantando
 Talvez sêjaõ p'ra alguém que vem de longe
 Sem saber que sua vinãa estou sonhando.

Quando Ella vier, lhe entregarei meos cantos
 E Ella fará desta soidaõ de monge
 Hum éden de alegrias e de encantos.

Quem sabe! O mundo he grande . . .

Quem sabe! O mundo he grande, e, com certeza,
 Ha muytos coraçõens esmeraldinos
 Que amem, sonhando em êxtases divinos,
 As eleitas queridas com firmeza.

Por que teimarmos, pois? Oh natureza!
 Rompamos de huma vez; dobrem os sinos
 D'alma á morte do amor em tons felinos:
 O principe que sonhas he a riqueza . . .

Ha ahi tanta opulencia . . . Só não digas
 A mentira das fallas inimigas
 Nos despeitos do desengano escuro.

Porque, se acharse pode amor fecundo
 Em oiro, nunca mais terás, no mundo,
 Amor rico de amor, amor mais puro.

SONETO XXII

Naquella indifferença . . .

Naquella indifferença em que eu vivia,
Sem amor, sem desejos e esperanças,
Eu tinha a paz serena das crianças,
Fruía o bem querido da alegria.

Oh da vida variavel calmaria!
Como pude soffrer estas mudanças
E transformar meos dias de bonanças
Em procellas, nevascas e invernias?!

Naõ no sei, mil angustias padecendo . . .
Guardarei na mudez do quarto amigo
Este mal de que vivo ou vou morrendo.

No lucto do meo triste desengano
Hei de cantar chorando o sevo arcano
do fado máo que madrugou commigo.

SONETO XXIII

Adeos, querida! . . .

Adeos, querida! Em fim, perdaõ te peço
Pello mal que causei a esses teos olhos . . .
Porém, naõ tive culpa: eu te confesso
Sem maldade nenhuma e sem refohos.

Perdaõ, sim, quando agora me despeço,
Péçaõ os olhos teos, que taes espolios
Roubáraõ de minh'alma em dando o accesso
Com que p'ra ti sonhou soberbos solios.

Vênhaõ elles, cruéis, muyto contritos
Prostrarse ante as ruínas do meo peito
E dos meos ideaes sobre os detritos.

Vênhaõ pedir perdaõ . . . Porém, naõ trágaõ
Aquellas confissoens que mais affágaõ,
Fazendo hum vencedor ficar sujeito.

SONETO XXIV

Que saudade terás!...

Que saudade terás deste amor triste
Que sentes para mim, e que eu te sinto,
Amor que fôra amargo como o absyntho,
A despeito do mel que nelle existe!

Que saudade terás deste amor triste
Que, assim como no meo interno plintho,
Te hade deixar p'ra sempre (eu o presinto)
No seio a mágoa eterna que me viste.

Sinto que o teo amor seja o primeiro,
Que o não esquecerás mais nunca, ao passo
Que eu almejára o meo ser derradeiro.

Ri, como riste... He facil! Quéllo a sorte,
E, se o teo coração presente a morte,
Dou-te o meo para a morte, n'hum abraço.

SONETO XXV

Tens nos olhos a côr...

Tens nos olhos a côr dos longes mares,
Das auroras boreaes a luz incerta,
Pathetica expressão dessa deserta
Vastidaõ hyperborea sem luares.

Suggere a tua tez brancos sonhos
De valkyrias vaporeas, e desperta
Evocaçoes de areaes, da esteppe aberta
Ao tumulto das guerras e avatares.

Mas demora tambem nesse teo gesto
A suspeição de frígidas geleiras,
Das traiçoens das borrascas o suggesto.

E, pois, nisto cuidando, a paz me deixa,
E quasi o teo louvor demudo em queixa:
Tudo isso ha em ti, quer queiras, quer não queiras.

Que tormento saber!...

Que tormento saber que he assim taõ grande
 O amor que tu me tens . . . ser necessario
 Deixar (nem sei por que!) que se debande
 Dos sonhos o rebanho, em doudo páreo.

Afogueado de amor, aqui se expande
 Em suspiros, nervoso e solitario,
 Meo coração que faz que sempre eu ande
 Da dor e do prazer no estado vario.

Ha pouco, eu te offendi naõ no querendo.
 Oh mágoa que me fiz, notando e vendo
 No teu rosto o reflexo de tua dor!

Duvidar . . . Se a tua dor me fere tanto,
 E se a minha te faz derramar pranto,
 Que cousa mais confirma o nosso amor?!

Em que me pesem coitas...

Em que me pesem coitas e cuidanças,
 Nunca te enviei as cartas chãs de amigo
 — As letras vãs que são mofino abrigo
 De sonhos vaõs e enfermas esperanças.

Cartas tuas naõ tenho, nem lembranças,
 Para em minha soffrença as ler commigo
 Tal hum conforto contra o tedio imigo
 Que prompto vem, se promptas colhe as ansas.

Aramá te dei versos — máo conducto
 Das iras da Soberba, que poz lucto
 Em nossos coraçãoes e phantasias.

Nada guardo de ti; mas, em guardando
 Os versos meos, vou triste ponderando:
 "Tuas são, por meo mal, minhas poesias!"

SONETO XXVIII

Este eu amarte tanto . . .

Este eu amarte tanto não compreendo.
Quem hes tu, donde vens, por que te achei?
Ha ahi tanta mulher que, olhando e vendo,
Nunca olhei, nunca vi, nem nunca amei.

Quem hes tu? Donde vens? Por que te achei?
Este tanto mysterio eu não entendo.
Do teo reyno de amor não serei rey,
E desde que te vi fui padecendo.

Ha Deos nesta questaõ. Este desejo
Que tenho de ser teo e seres minha
He o mesmo amor de Deus em certo arquejo.

Que eu te ame e que eu te deixe, isto he mysterio:
Tu me amando, eu te amando . . . (occulto imperio)
Eu que te quero e quiz para raynhal

SONETO XXIX

Só de tua mãe . . .

Só de tua mãe á perfida maldade,
Que taõ fundo o meo peito poz ferido,
Compararei tua mobilidade
Que não mostra o teo gesto mal fingido.

Oh! coitado de mim que dei ouvido
A quem taõ habil foi na falsidade
Quanto, em mentindo, fez minha vontade
Se prender em amor taõ mal prendido!

Se he consolo na dor a dor de alheios,
Já me vou consolando da esperança
De que não muda o mal quem he mutavel.

Quanto a mim, já cessáraõ meos anceios.
Soffram outros da infiel tua mudança,
Pois me foi bom remedio o irremediavel.

O' vós que os simples versos...

O' vós que os simples versos me escutastes,
Flôres do incerto amor que eu tive hum dia,
Vinde assistir agora a esta agonia
Do amor e, pois, dos versos que prezastes.

Agonia do amor . . . Sabeis que as hastes
Têm amor ao botaõ que o sol estia;
Mas esses, cujo olhar favorecia
Nosso amor . . . vós, ó máos, o abandonastes.

Vergonhea que floriu no horto da vida
Com huma flor, a flor que agora expira,
Naõ sei se aturarei tanta ferida.

O' tu! perdaõ, se a duvida he mentiral
Acolhe este soluço que suspira,
E a vez primeira naõ serás fingida.

Consta que serás noiva...

Consta que serás noiva dentro em breve
De hum infancia de posses e fazenda . . .
Dos teos o alcáçar vence a minha tenda
E mais huma mentira o mundo escreve.

A verdade a dizer ninguem se atreve
Do porquê deste caso, taõ colenda
He a mascara que o illude, o esfuma e o venda,
Nesta aryana mansaõ que Deos eleve . . .

Possivel he que tudo esteja certo!
Possivel he que tudo esteja errado
E pese, mais que tudo, só meo fado!

Nestas questoens, certos e errados somem:
Ficarei eu, com todo o desacerto,
Que isto Deos m'õ naõ fez, mas fêllo o homem.

Tu que por tanto tempo...

Tu que por tanto tempo foste a amada
Em que puz o meo sonho e juventude
Morreste alfim. Hes como a madrugada
A que a noite seguiu na plenitude.

Tarde não houve antes que tudo mude
Para chegarse á escuridão cerrada.
Levas o meo desprezo. Sem virtude,
Foste harpia vulgar . . . e não hes nada.

Goza a estulticia e essa vaidade inutil
De seres rica, bonequinha futil
Que hum dia cri ser dama de outras éras

Nunca saudades tenhas do fidalgo
Cavalleiro que eu fui, e sejas algo
Na côrte amaldiçoada das megeras.

Naõ andarei contigo...

Naõ andarei contigo, braços dados,
Para ardente dizerte bem baixinho
As tolices sublimes do carinho,
As glorias sem iguaes dos namorados.

Pêllas traiçoens lethaes do meu caminho,
Esses gaudios triviaes seraõ roubados.
Infeliz campeador, fados malvados
Raptáraõ minha dama . . . e eis-me sózinho.

Gordo burguez sem a apollinea flamma
Tomarte-ha pelo braço, ingloria dama,
Fallando-te de cheques e thesoiros.

Meos sóes, mares, estrellas, meos luares,
Aves, fontes, montanhas e palmares,
Riraõ de ti, dos teos prosaicos loiros.

SONETO XXXIV

Como na vida, em fim...

Como na vida, em fim, tudo termina,
Parece que, entre nós, se acabou tudo.
Nem tu pensarás mais na minha sina,
Nem eu na tua, e mais eu não me illudo.

Se acreditei nas scismas que tão rudo
Sulco em mim me deixáraõ, dor ferina,
Baixe do esquecimento o véo, com tudo,
Sobre a nossa elegia que se fina.

Tu ... morreste p'ra mim! e eu, que o fadario
Hei de cumprir tão longe, solitario,
Das minhas phantasias e illusoens,

— Nunca mais sonhe amor, esse delirio!
Nunca mais ame o sonho, esse martyrio!
Nem creia mais nos olhos e cançoens.

Finis. SS. Trinitati Gloria!

OBRAS DO AUTOR

- Filosofia política de Santo Tomás de Aquino. 1956.
De Nóbrega e outros patricios. 1955.
O problema operário e a justiça social. 1953.
Sentimentos da Fé e do Império. 1952.
As doutrinas políticas de Farias Brito, de Francisco Elias de Tejada. Tradução do espanhol. 1952.
Orgânica Patrianovista (em colaboração). 1951.
Santa Maria Magdalena, de Lacordaire. Tradução do francês. 1948.
As raízes históricas do Patrianovismo. 1946.
Do governo dos príncipes e dos judeus, de Santo Tomás de Aquino. Tradução do latim e anotações. 2.ª edição. 1946.
O esperador de bondes. 1944.
A lírica de Luís Gama. 1944.
Brasileiros, às armas! 1943.
Ecos do Redentor. 1942.
Incenso da minha miséria. 1941.
Evocando o passado (em colaboração). 1940.
Do governo dos príncipes e dos judeus. 1.ª ed. 1937.
Para a ordem nova. 1933.

Da floresta a Paris, de Mariá de Foz. Tradução do francês. 1933.

Satanás. 1932.

Contra a corrente. 1931.

Pátria-Nova (direcção). 1929-33.

O Bibliófilo (direcção). 1926.

O bálsamo das dores, de Ângela Grassi. Tradução do espanhol. 1926.

O carnaval. 1925.

Amar. . . e amar depois. 1923.

Os filhos da cabana. 1921-23. Etc.

Brevemente

A organização monárquica do Estado. Tradução do francês.

Maurras, defensor da realidade.

ÍNDICE

Eu não queria 5

SONETOS

I. Quando o seu vulto esvelto	7
II. Criança, nos teos olhos	8
III. Tu tens de dar-me a paz	9
IV. Fallei contigo: "He este!..."	10
V. Tu não me acorrentaste	11
VI. Amor que hes de imprevistos	12
VII. Sabes tambem mentir?	13
VIII. Soliloquio	14
IX. Tu não sabes ao certo	15
X. A alegria do amor	16
XI. Hontem, sonhei contigo	17
XII. Eu creio que, no céu	18
XIII. P'ra decifrar o enigma	19
XIV. Não mais! Não te amo mais!	20
XV. Se tu não fores minha	21
XVI. Se eu te não fallo ainda	22
XVII. Das outras eu cuidei	23
XVIII. Olhos que eu amo tanto	24
XIX. Que pena, meo amor!	25
XX. Aquillo que se quer	26

XXI.	Quem sabe! O mundo he grande	27
XXII.	Naquella indifferença	28
XXIII.	Adeos, querida!	29
XXIV.	Que saudades terás!	30
XXV.	Tens nos olhos a cõr	31
XXVI.	Que tormento saber!	32
XXVII.	Em que me pesem coitas	33
XXVIII.	Este eu amarte tanto	34
XXIX.	Só de tua mãe	35
XXX.	Ó vós que os simples versos	36
XXXI.	Consta que serás noiva	37
XXXII.	Tu que por tanto tempo	38
XXXIII.	Naõ andarei comtigo	39
XXXIV.	Como na vida, em fim	40
Obras do autor	41	

• Composto e impresso •
 na
LINOGRÁFICA EDITORA
 R. Almirante Barroso, 418
 • Tel. 9-1332 - S. Paulo •